

## **PERCEPÇÕES COMUNITÁRIAS SOBRE AS INUNDAÇÕES DE 2024 E SUBSÍDIOS PARA A CRIAÇÃO DE UM PLANO DE RESILIÊNCIA: ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE DO QUADRADO (PELOTAS/RS)**

**LUANA HELENA LOUREIRO ALVES DOS SANTOS<sup>1</sup>; JULIANA TASCA TISSOT<sup>2</sup>;  
NIRCE SAFFER MEDVEDOVSKI<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Luana Helena Loureiro Alves dos Santos – lualoureiroo@gmail.com*

<sup>2</sup>*Juliana Tasca Tissot – julianatissot@gmail.com*

<sup>3</sup>*Nirce Saffer Medvedovski – nirce.sul@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho traz um enfoque nas entrevistas-piloto, parte da metodologia adotada na dissertação de mestrado “*Plano de resiliência climática local na comunidade do Quadrado (Pelotas/RS): Integração de Soluções Baseadas na Natureza, processos participativos e tecnologias sociais*”, que analisa os impactos socioespaciais das inundações ocorridas em Pelotas/RS em maio de 2024, com foco na comunidade do Quadrado (Figura 1), buscando desenvolver um plano de resiliência climática adaptado à realidade local. O estudo tem como objetivo compreender as experiências, percepções de risco e estratégias de adaptação dos moradores, de modo a fornecer contribuições para a formulação de medidas de resiliência participativas.

Figura 1: Localização da região de estudo



Fonte: os autores, 2025

Para compreender o contexto, é necessário esclarecer conceitos fundamentais. Segundo o Ministério das Cidades e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT (2007), inundações ocorrem quando as águas de rios ou córregos ultrapassam suas margens e transbordam, avançando sobre áreas naturalmente alagáveis. Enchentes ou cheias correspondem à elevação do nível

do rio até o limite do canal, sem transbordamento. Já o alagamento decorre do acúmulo temporário de água em áreas urbanas, geralmente por falhas de drenagem.

Essas distinções ajudam a contextualizar os eventos climáticos extremos de 2024, quando o Rio Grande do Sul, composto por 497 municípios (IBGE, 2022), foi atingido por chuvas intensas e prolongadas, provocando inundações que impactaram 478 municípios (Rio Grande do Sul, 2024).

Tais eventos atingem as populações de forma desigual. Enquanto áreas centrais contam com infraestrutura de drenagem e planos de contingência, comunidades periféricas convivem com ausência de medidas preventivas e infraestrutura eficazes. Esse é o caso da comunidade do Quadrado, às margens do Canal São Gonçalo, marcada pela fragilidade socioambiental.

O local originou-se com a expansão do bairro Porto e da remoção de moradores do antigo Gasômetro, substituído pela fábrica Olvebra (Barros, 2009). A ocupação do território ocorreu de forma desordenada, dando origem a um assentamento informal, marcado pela autoconstrução e uso do solo sem planejamento urbano. A população que ocupou o local dependia principalmente da pesca e da coleta de capim Santa Fé, reforçando o vínculo com a água.

Ao longo do tempo, melhorias como acesso à água encanada e eletricidade foram introduzidas. Apesar dos avanços, há problemas que ainda persistem como, por exemplo, saneamento básico insuficiente, poluição do canal, ocupações em áreas de banhado e habitações precárias. Conforme Reckziegel, Fernandes e Polidori (2008), trata-se de uma comunidade que, mesmo frente a limitações, construiu redes de pertencimento e identidade territorial, consolidando-se como “território de resistência”, atualmente ocupado por cerca de 154 famílias.

Durante as inundações de maio de 2024, o poder público classificou o território como “área de risco” e propôs desocupação imediata do local para segurança da população.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, buscando compreender como os moradores do Quadrado vivenciaram as inundações de 2024. O objetivo foi interpretar narrativas, percepções de risco e estratégias de adaptação, revelando dimensões invisibilizadas em análises técnicas.

A pesquisa foi organizada em cinco etapas:

1. **Levantamento e análise de imagens aéreas e de satélite:** registros do Google Earth permitiram elaborar uma linha do tempo da ocupação do território, identificando transformações morfológicas, como avanço sobre áreas de banhado e saturação de lotes. Comparações com imagens recentes captadas por drones do Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo João Bem (UFPel) detalharam a configuração espacial atual.
2. **Sobreposição com mapas de risco oficiais:** mapas divulgados pela Prefeitura de Pelotas indicaram áreas críticas, permitindo comparar a ocupação com zonas classificadas como inabitáveis.
3. **Seleção dos entrevistados:** moradores do local diretamente afetados pelas inundações de 2024.

4. **Entrevistas semi estruturadas-piloto:** foram realizadas em maio e junho de 2025.
5. **Análise temática das narrativas:** utilizando Bardin (1977), os relatos foram organizados em categorias.

A triangulação entre etapas 1, 2 e 4 fortalecem a validade interpretativa da pesquisa. Protocolos éticos da Plataforma Brasil garantiram sigilo e consentimento dos participantes, reconhecendo-os como sujeitos ativos na análise de riscos e resiliência.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pilotos revelaram nuances importantes sobre como a população vivenciou as inundações de maio de 2024. As narrativas mostram que a percepção de risco vai muito além da simples ameaça física da água.

Os moradores expressaram uma relação ambígua com a água. Para muitos, o canal é fonte de sustento e identidade cultural, mas também representa ameaça à integridade das residências e à saúde da comunidade. O maior medo não é a inundaçāo em si, mas a remoção compulsória, que ameaça desestruturar laços comunitários e apagar memórias coletivas. Essa percepção evidencia que o risco é construído socialmente, atravessado por valores afetivos e pela experiência histórica da comunidade (Ribeiro, 2008).

As narrativas indicam que as famílias adotaram estratégias reativas de mitigação dos danos diante da inundaçāo: elevação de móveis, improvisação de barreiras e deslocamento para áreas mais elevadas dentro dos lotes. Algumas práticas destacam a resiliência cotidiana: utilização de sacos de areia e lonas para conter a água; proteção de bens de valor dentro das casas ou em casas de vizinhos em áreas mais altas; organização comunitária para monitoramento do nível da água e auxílio mútuo. Outras famílias estão adotando estratégias preventivas: reconstrução de parte das residências mais elevadas do solo.

O transbordo de fossas sépticas nos fundos dos terrenos e a contaminação do canal, frequentemente mencionados pelos entrevistados, evidenciam a vulnerabilidade sanitária da comunidade.

Apesar dos danos e do medo, os moradores mantêm forte apego ao território. Os relatos destacam o valor das redes de apoio comunitário e a importância de permanecer no local. Esse vínculo emocional é central para compreender como a comunidade pode ser parceira ativa na elaboração de um plano de resiliência, pois suas percepções indicam prioridades, riscos reais e potenciais soluções.

Os resultados parciais das entrevistas fornecem informações estratégicas para o desenvolvimento de ações de resiliência:

1. Identificação de áreas mais críticas;
2. Compreensão das prioridades dos moradores frente a riscos físicos e sociais;
3. Reconhecimento de estratégias cotidianas que podem ser incorporadas nas diretrizes do plano de resiliência climática;

Dessa forma, a ênfase nas percepções dos moradores revela que um plano de resiliência precisa integrar dimensões afetivas, sociais e culturais, não

apenas técnicas de proteção, mitigação ou adaptação aos efeitos de eventos climáticos extremos.

#### 4. CONCLUSÕES

As inundações de 2024 evidenciam fragilidades estruturais da comunidade do Quadrado, como ausência de saneamento adequado e ocupação de áreas ambientalmente vulneráveis. Ao mesmo tempo, revelam formas de resistência construídas pelos moradores ao longo do tempo, que mantêm vínculos afetivos e sociais com o território.

As entrevistas semiestruturadas piloto foram essenciais para compreender essas percepções, destacando a relação ambígua com a água e estratégias de adaptação. Esses dados permitem identificar prioridades e desafios locais, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de um plano de resiliência climática adaptado à realidade do território.

O estudo reforça a importância de integrar a dimensão social ao planejamento urbano e às políticas de enfrentamento de desastres. Cidades resilientes dependem de uma abordagem ética e inclusiva, que considere as populações vulneráveis como sujeitos ativos na formulação de respostas às mudanças climáticas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, Lânderson Antória; LIHTNOV, Dione Dutra; VIEIRA, Sidney Gonçalves. Contextualização Histórica na Formação do Bairro Porto de Pelotas e os Problemas Urbano-Ambientais no Loteamento das Doquinhas. XVIII CIC - Congresso de Iniciação Científica; **XI ENPOS - ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**; I Mostra Científica, Universidade Federal de Pelotas, 2009.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Panorama do Rio Grande do Sul: Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama>. Acesso em: 3 maio 2025.
- MINISTÉRIO DAS CIDADES, INSTITUTO DE PESQUISAS TECNOLÓGICAS – IPT. **Mapeamento de riscos de encostas e margens de rios**. Brasília: Ministério das Cidades; Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, 2007.
- RECKZIEGEL, Simone; FERNANDES, Gabriel Silva; POLIDORI, Maurício Couto. Memórias da comunidade das Doquinhas – lembranças de seus moradores. In: **XVII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. X ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**, 2008, Pelotas. Anais... Pelotas: [s.n.], 2008.
- RIBEIRO, Wagner Costa. Riscos e vulnerabilidade urbana no Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 14, n. 331, p. 1–20, 2010. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-65.htm>. Acesso em: 3 maio 2025.
- RIO GRANDE DO SUL. **Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS – 20/8. Porto Alegre**: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-20-8>. Acesso em: 29 abr. 2025.